

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

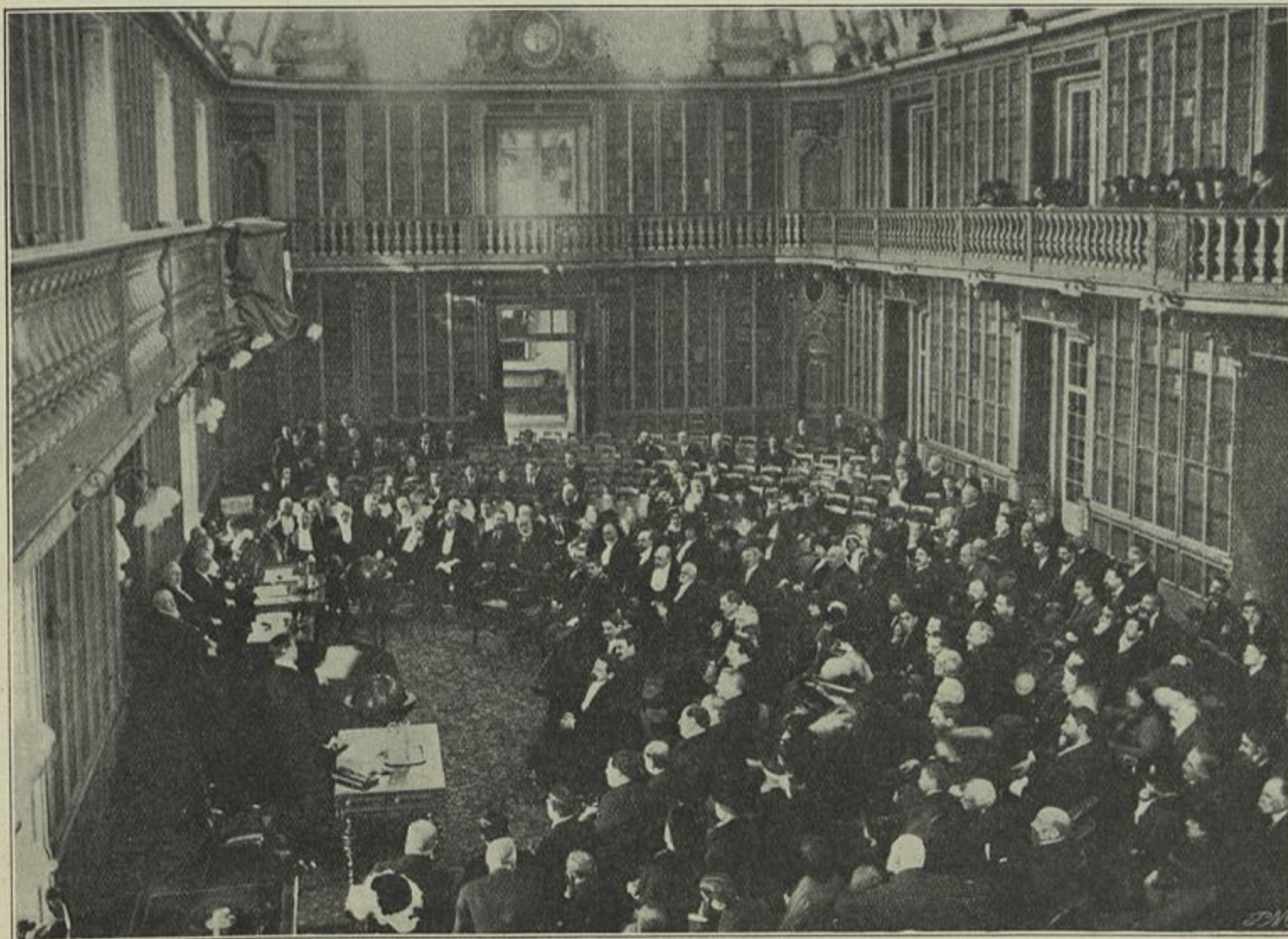
Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

20 de Dezembro de 1913

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1259

Sessão Magna na Academia das Sciencias de Lisboa



LEITURA DOS ELOGIOS DE BULHÃO PATO E SOUSA MONTEIRO PELOS ACADEMICOS SNRS. DRS. JULIO DANTAS E TEIXEIRA DE QUEIROZ
(Vide Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Mario de Sá-Carneiro não é nome desconhecido, em absoluto, no meio pequenino da nossa literatura actual. Contos dispersos, narrativas vagabundas—gritam, de sul a norte, a sua individualidade. Barros amassados em almas, estatuetas fumegantes de febre, flôres entonteadas de desvairios, aguias famintas de sol, hipógrifos sedentos de infinito—as figuras que a sua literatura de requinte sabe evocar, persistem, possessas e obsessas, no circulo fluido da nossa imaginação.

Já no—*Principio*—primeira obra da sua predilecção, surgem tipos, grifados de estranheza, tatuados de doença, cambalean-

tes num desequilibrio de epoca e novidade, opiosos de sonho; somente, nos seus livros recempublicados, requintam no requinte e estilizam-se de realidade em espelhos concavos de magia.

A Confissão de Lucio—narrativa—e *Dispersão*—florilegio de doze poesias—taes são os titulos das obras recentes de Mario de Sá-Carneiro. Algures, diz o autor, magoado de não-ser, lasso no dispendio de energias fugitivas, quebrado de esforço, perdido de si e dos outros, em vortice, no seu labirinto...

*Se acaso em minhas mãos fica um pedaço de ouro,
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...*

Mergulha em si, ofega de surpresa e espanto na sua escuridão que é luz de pro-

fundidade; quando surge, as mãos luzem de pedrarias e num gesto de suntuosidade e largueza, arremessam, ao longe, oiro vivo, que, por momentos, brinca no espaço em fulgurações, cae, em desdem, nos cimos da montanha e rola pelas ravinas arripiadas ao chão de lama...

Tantos mendigos da Arte e esfomeados súplices das Letras—por que não no recolhem com presteza e avareza?... Ah não se volveu falso, não, esse oiro! Simplesmente, modelou-se e assim permaneceu, integro e intacto, imaculo de chancela official, limpo de cunhagem, demasiadamente caro para manábulas de chatins, acostumadas a papeis de cambio e bilhetes de passaportes...

Evidentemente, na—*Confissão de Lucio*

— a intriga romanêscã nada importa. Os incidentes episódicos nada valem. Se cuidarem de coincidir as arestas da novela no quadro estrito da realidade, as duvidas surgem e importunam... O entrecho é o esqueleto que se reveste de roupagens belas e roçagantes.

A narrativa torna-se eminentemente notável, pelo simbolo que reanima, intenção psicologica e esboço estilizado de atitudes.

As personalidades que ali vivem — não se agitam, é certo, no mundo da realidade, amurado e sáfaro, porque dele, de proposito e obstinação, fugiram sempre. As suas vidas — são projecções de vidas. Os seus mundos — são além-mundos. As suas rea-

nina e querida. José Pacheco desenhou a capa, alegorica, perturbante, magnifica — aerisada de sonho, iluminada de magoa, tocada de graça, atrocemente pungida de tristeza.

Milagres, ruinas, pesadêlos, forcas de luz, torres altas de marfim...

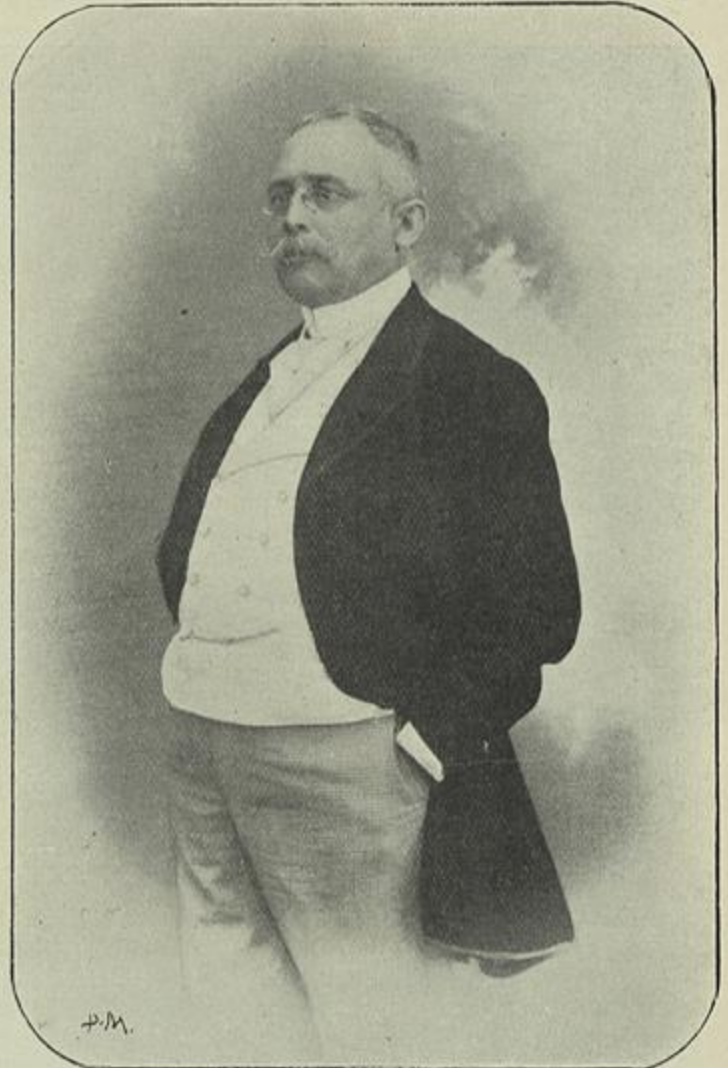
Dia 8, realizou-se com solenidade e assistencia distinta, sessão magna na Academia das Sciencias de Lisboa.

A vasta sala conventual da Bibliotéca, fria, evocativa, antiga, animou-se, por momentos, de borborinho insólito — e os bus-

Figura esguia, perfil macerado, cabeça oblonga de Quixote — ainda ha bem pouco, nós, todos nós, iamos, em peregrinação, ali ao Monte de Caparica, levar-lhe saudações da nossa mocidade e prestar-lhe preitos da nossa admiração comovida, ainda ha bem pouco tempo viamo-lo sorrir meigamente ás nossas palavras de esperança e apertar-nos as mãos com as suas mãos magras, osseas e tremulas, e entanto — Julio Dantas tem razão — já hoje parece que ele surge, num encantamento, ante o nosso olhar surpreso «através de duas, de tres gerações distantes, como um éco de romantismo exausto, como a sombra dum daguerreotipo esmaecido — feito de vagas



BULHÃO PATO



SOUSA MONTEIRO

lidades são super-realidades. As suas acções são esbatidos de factos.

A — *Dispersão* — é a tragedia dolorosissima duma alma que se perdeu a si propria, nos meandros do seu labirinto profundo, e tenta objectivar-se em realidade e sonho na sombra remotissima que a sua luz interior projecta no Infinito. A vida procura uma finalidade. O esforço procura um ponto-de-referencia. A alma vaga sobre ruinas — quanto mais sobe, mais desce, quanto mais se busca, e ansiosamente e desvairadamente, mais ela se perde, alheada, somnambula, aniquilada. De onde a onde, surge e traz nos olhos, em febre e deslumbro, a visão de maravilhas perdidas irremediavelmente...

Mario de Sá-Carneiro imprimiu com suntuosidade e carinho esta obra peque-

tos, em roda, sabios, graves, meditabundos, aguardavam, de surpresa e expectativa, religiosamente serenos.

Dr. Manuel de Arriaga presidiu. Ministros, diplomatas, formavam hemiciclo, na primeira fila de cadeiras, circunspectos e comodamente sentados. Os academicos trajavam a rigôr de casaca dogmatica e usavam peitilhos de lustro e insignias resplandecentes.

Em breve, as figuras queridas e veneradas de Bulhão Pato e Sousa Monteiro eram evocadas com prestigio pelas palavras calorosas e amigas de Julio Dantas e Teixeira de Queiroz.

Julio Dantas, severo e elegante, com attitude e graça, ergueu pela magia da sua palavra, do pó, a Bulhão Pato, esse bom velho, desaparecido do nosso tempo e quasi da nossa memoria, amigo de dônas, batedôr de perdizes e caçadôr simpático de imagens romanticas.

reminiscencias, de traços apagados, de memorias confusas...»

Sousa Monteiro era muito outro.

Se ainda podemos recordar-nos de vê-lo, de passagem e de relance, — é sempre a sua figura forte, rigida, hirta, que nos impressiona. Intransigente na sua fé, delicado na sua convivencia, ameno na sua conversação — esse erudito, esse artista, tinha uma sensibilidade que tão bem sabia afinar-se ao acorde da tradição e uma noção perfeita da palavra que ele tão bem, preciosamente, sabia anuançar na composição harmoniosissima da frase...

Teixeira de Queiroz esboçou, melhor que ninguem, a figura moral, sentimental e intelectual, de Sousa Monteiro.

ANTONIO COBEIRA.



A GIOCONDA — (*Vidè Pelo Mundo Fóra*)

Os choupos

(Em viagem)



MISTES choupos, doentes a morrer,
Braços longos erguidos numa prece,
Qualquer de vós ao meu olhar parece
A sombra fugidia do meu ser.

Vi-vos outrôra no lindo amanhecer
De um dia que tão cedo me anoitece,
Mais tarde na aleluia de ascender
Para um sol que hoje brilha e não aquece.

Sobre o Ceu pardacento, que mal vejo,
Vai galopando o lúgubre cortêjo
Dos vossos corpos nus e descarnados...

Nem vestígios diviso de outras éras,
Quando o riso das vóssas primaveras
Embalava os meus sonhos encantados.

Coimbra — Outubro.

Domitilla de Carvalho.

PELO MUNDO FÓRA

Acontecimento notavel para a Allemanha foi sem duvida o da ascensão da filha do imperador, a *Princesa Victoria Luisa*, ao throno de *Brunswik*, pela mão do *Principe Ernesto Augusto de Cumberland*, com a qual casára ha menses. Este facto representa o termo definitivo da grande rivalidade que desde 1866 existia entre os *Guelfos* e os *Hohenzollerns*. A entrada dos soberanos em Brunswick foi deveras imponente, produzindo geral entusiasmo.

Kiamil-pacha, o velho grão-vizir que o attentado joven turco de 23 de Janeiro, dirigido por Euer bey, obrigara a isolar-se na ilha de *Chypre*, entrou já no reino dos justos, aos 91 annos, consumido em dedicados serviços ao imperio turco, cujas desgraças lhe apressaram a existencia.

Pertenceu ao grande ministerio de *Abdul-Hamid*, de 1885 a 1891, periodo em que se deu a annexação da *Rumelia oriental* á *Bulgaria*. A revolução de 1908 vae de novo arrancá-lo do seu isolamento; a situação, porém, é falsa, e pouco depois (12-2-1909) dá-se a crise, caracterizada pela annexação da *Bosnia* á *Austria* e a independencia da *Bulgaria*. Segue-se a ruptura entre os homens da *Velha Turquia* e os *jovens turcos*. Estes não dispensam a larga experiencia de *Kiamil*, a quem, no entanto, fallece firmeza de pulso, sendo accusado de não saber sustentar o heroismo dos defensores de *Adrianopla* e de não interpretar as resistencias do patriotismo ottomano.

Dois sabios acaba de perder a Inglaterra. Um era o *Dr. Alfred Russel Wallace*, celebre naturalista, com 91 annos. Notabilizou-se em 1853 com o livro *Travels on the Amazon*. Em 1858, estando doente nas *Molucas*, concebeu a ideia da *theoria da evolução*, que se apressou em transmittir a *Darwin*, então occupado na publicação da sua obra, que o immortalizou. Entre os dois sabios nasceram, porém, devirgençias d'opinião, affirmadas no livro de *Wallace* sobre *Darwinismo*. Escreveu tambem *Miracles and Modern Spiritualism*.

O outro era o astronomo *Sir Robert Stawell Ball*, com 74 annos, professor e director do observatorio de *Cambridg*. A sua paixão pela astronomia nasceu da leitura da obra americana *The Orbs of Heaven* e pela narrativa de um velho, que lhe falou dos esplendores d'um cometa apparecido em 1811. Aos 19 annos comprazia-se na contemplação do cometa de *Donati*. O espectáculo mais bello d'essa especie, que lhe foi dado observar no seculo passado, consistiu na incomparavel queda de estrellas em 13 de Novembro de 1866.

Combateu a theoria da influencia da lua no tempo e estudou a famosa *erupção de Kráktva* em 1883, que custou 35:000 vi-



PRINCIPE GUILHERME DE WIED E PRINCESA SOPHIA DE WALDENBURG
OS FUTUROS SOBERANOS DA ALBANIA
(Vide Pelo Mundo Fóra, numero antecedente)

das. Era um grande propagandista scientifico e defensor da *theoria de Laplace*. Deixou bastantes volumes, de que se especializam: *The earth's beginings*, *Story of Heavens*, *Starland*, *In starry realms*, *In the high heavens*, *Time and tide*, *The story of the sun*.

Como membro do *Philosophical Institute*, nunca se sentiu invadido pelo supposto antagonismo da sciencia e da fé.

Tendo aqui falado dos prodigios do aviador *Edmond Perreyon*, que bateu o *record* da altura, attingindo 5:880 metros, cabe-nos o doloroso dever de registar a sua morte, em condições tragicas, quando no *aerodromo de Buc* experimentava um aparelho destinado ao exercito.

As atenções mundiaes dirigem-se presentemente para a sisuda Inglaterra, cuja transformação economica vae tomando notavel incremento sob o impulso vigoroso e intelligente do governo de *Asquith*, *Lloyd George* e *Winston Churchill*.

Lloyd George que ascendeu ao alto logar de *Chancellor of the Exchequer* em 1908, e que em 1909 apresentou o famoso orçamento regeitado pelos *Lords*, mas que passou no anno seguinte, apoz uma eleição geral, e que creou a *lei de seguros sociaes* em 1911, occupa-se insistentemente na *Land Reform*, ou seja a modificação completa do obsoleto e vexatorio regimen da propriedade, tendo já apresentado o projecto da creação do *ministerio da terra*.

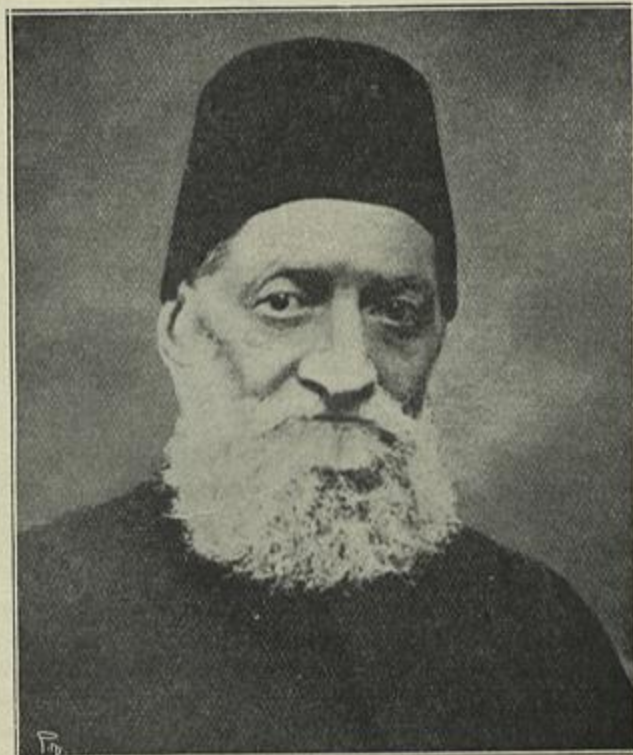
Ninguém póde, porém, garantir a viabilidade de tão vasto programma de reformas, sobre tudo se se tiver em conta a serie de dificuldades que de todos os lados se erguem na intenção propositada de derrubar o actual ministerio.

O partido conservador, ha tantos annos fóra do poder, faz-lhe violenta opposição, aggravada ainda pelos socialistas, agitados por *Jim Larkin*, o vigoroso campeão irlandez, ha pouco condemnado a prisão, e que o governo teve que soltar, para attenuar os efeitos eleitoraes, favoraveis á opposição.

A questão das *suffragistas*, continua a preoccupar seriamente todo o *Reino Unido* e principalmente o governo, que não consegue dominar as irrequietas partidarias de *Miss Pankhurst*. A todos esses problemas sobreleva a famosa questão do *Home Rule*, que ainda póde acarretar uma guerra civil. E' sabido que a autonomia da Irlanda já foi votada duas vezes na *Camara dos Comuns*, e basta que o seja mais uma vez, o que deve succeder em Maio de 1914, para que esse *bill* obtenha a assignatura do rei e seja logo posto em pratica.

A provincia do *Ulster* oppõe-se tenazmente e com verdadeiro desespero a essa aspiração unionista. Os habitantes do nordeste da Irlanda são, na sua maioria, descendentes dos puritanos, dos presbyterianos escocêses e inglêses do tempo de *Jayme I* e de *Cromwell*. A sua superioridade na industria, leva-os a suporem-se em melhores condições que os agricultores das restantes provincias. Chamam-se orgulhosamente *orangistas*, em memoria d'aquelles protestantes que, mandados por *Guilherme d'Orange*, venceram os catholicos na *batalha de Boyne*.

Os *orangistas* combatem o *Home-rule* porque no *Parlamento de Dublin* a mino-



KIAMIL-PACHÁ

ria dos seus representantes seria esmagada pela maioria catholica. Nesta lucta não se empregam sómente os protestos mais ou menos violentos traduzidos em palavras apaixonadas e convincentes de fogosos oradores e ardentes patriotas. Não. Os habitantes do Ulster estão promptos para lançar mão de meios mais violentos e mais convincentes:—armam-se até aos dentes e organizam-se militarmente, fazendo exercicios de tiro e fortificando-se!

Churchill, preocupado com essas ameaças á paz publica, lembrou que se poderia separar o Ulster do resto da Irlanda, ou seja o *Home-rule* do *Home rule*; mas o chefe do partido irlandez — *Redmond* — oppoz-se a isso, affirmando que o *Parlamento de Dublin* ha-de necessariamente governar o conjuncto da Irlanda.

Asquith, por sua vez, sustenta que o *Home-rule* ha-de ser estabelecido, não admittindo obstaculos á unidade da Irlanda, e que o governo se não deixará intimidar por ameaças de qualquer especie, assegurando que toda a resistencia á execução d'essa lei será reprimida pela força armada do Imperio.

Bonard Law, em nome dos unionistas declarou que o governo tem tres caminhos a seguir: 1.º, continuar a marcha a todo o vapor, segundo a expressão favorita de *Redmond*, o que seria uma loucura; 2.º, apelar para o povo por meio de umas eleições geraes sobre a questão a resolver; 3.º, procurar uma formula de accordo entre os unionistas e o governo.

O orangista *E. Carson* argumenta d'este modo:— *O povo inglês consentirá que o seu exercito seja enviado ao Ulster para combater uns homens cujo unico crime é o haverem pedido para continuarem a ser ingleses?*

Num discurso em Belfast, deante de 7:000 negociantes e industriaes, garantiu *E. Carson* que — *never, never, under any circumstances, will they submit to be governed by a Home Rule Parliament in Dublin.* (Nunca, nunca, quaesquer que sejam as circumstancias, elles se sujeitarão a serem governados por um Parlamento de Dublin).

O governo pensa em enviar forças para o Ulster; alguns officiaes protestam, declarando que se negariam a *marchar contra concidadãos, cujo crime consiste unicamente em quererem continuar a estar sob o dominio britannico.*

Por previsão o governo apressou-se em prohibir o *contrabando de armas*; mas afirma-se que tudo está a postos e que as forças do Ulster são de 100:000 homens, calculando-se que só de espingardas teem 80:000 do ultimo modelo! Está desfeita a lenda das espingardas fingidas.

Que succederá pois em 1914?

Em França não tem a politica corrido tão tranquilla como o desejaria o sr. *Poincaré*, cuja eleição exasperou ainda mais os seus adversarios *radicaes-socialistas*; que talvez imaginem obrigá-lo a abandonar o logar conquistado com grande apoio, não só da França, mas de todo o mundo. O que é certo é que o *ministerio Barthou* não conseguiu ver approvado o emprestimo de 1:300 milhões destinado principalmente a occorrer á administração marroquina. O partido de *Caillaux* e *Fauré*,

batido sobre o *quantum* d'esse emprestimo, lançou mão d'outro pretexto para derrubar o governo. Este impunha a condição da *immunidade da renda*. A opposição exigia a applicação do *imposto de rendimento* como medida geral, decidido pela *Camara* em 1908 e encravada no *Senado*.

Caillaux reúne as suas forças e, num ail, prega em terra com o ministerio, por 290 votos contra 265, aos gritos: *abaixo a lei dos tres annos*, pela banda da opposição, e: *Viva á França*, das bancadas ministeriaes.

O ministerio *Barthou* constituiu-se em 22 de Março, apoz o de *Briand*. Viu approvada a famosa lei de tres annos, que tanta celeuma levantou, e que por varias vezes poz o governo em cheque, e conta por em pratica a nova lei eleitoral e o emprestimo. Nada mais instavel do que um ministerio, principalmente em França.

De 1876 a 1913 houve nada menos de 54 ministerios. Sómente 7 foram além de 2 annos. Houve 6 que nem viveram mais d'um anno; 19 que pouco excederam a 6 meses, e 22 duraram menos de 6 meses, devendo notar-se como mais ephemerios o do *general Rochechet*, que se manteve durante 20 dias, e o de *Dufaure*, que durou 7 dias!

Agora, apoz demorados esforços, constituiu-se um ministerio retintamente *radical-socialista*, sob a presidencia do sr. *Doumergue*, que gerirá tambem a pasta dos estrangeiros, ficando o sr. *Caillaux* nas finanças.

O seu programma resume se nestes quatro pontos: *leis laicas, reforma eleitoral, questão financeira e applicação da lei dos tres annos de serviço militar* (arma com que na opposição tanto atacaram o ministerio de *Barthou*). Este ministerio substituirá o emprestimo por um imposto nas successões e outro no capital, e sustentará no Senado o imposto de rendimento votado ha cinco annos pela *Camara*.

A França conservadora, que admira entusiasticamente a grande obra do Presidente *Poincaré*, manifesta visivel hostilidade ao ministerio do sr. *Doumergue*, cuja politica de laicisação lhe levantará serios attrictos.

Para desanuviar o horisonte politico, da França, surgiu agora um acontecimento de grande retumbancia: nada menos que o *apparecimento da celebre Gioconda* (*Monna Lisa*), o afamado quadro de *Leonardo de Vinci*, roubado do *Museu do Louvre* em Agosto de 1911, facto que então despertou o mais vivo interesse em todo o mundo artistico.

Um italiano residente em Paris — *Leonard Perugia* — apparece em Florença, onde pretende vender o quadro, que, diz elle, furtára para vingar os despojos commettidos por Napoleão nos museus italiaes, por occasião das campanhas de Italia. O governo italiano immediatamente informado do caso, deu todas as providencias para que á França fosse restituída a inapreciavel obra de *Vinci*, cuja historia constitue um verdadeiro romance. Pena é que nesta viagem a occultas a *Gioconda* tivesse soffrido algumas beliscaduras, que, de modo nenhum, lhe alteram o valor.

Eis, pois, uma grande alegria para o sr. *Henrique Marcel*, director do *Museu Nacional*, que declara que estão tomadas

todas as providencias para que d'oravante se não repitam os roubos d'objectos d'arte.

Antes do apparecimento sensacional da *Gioconda*, já o espirito francès se havia inflammado com a noticia surprehendente da victoria de *Georges Carpentier*, que, num *match de box*, em Londres, contra *Bombardier Wells*, ganhou 62:500 francos em 73 segundos! *Carpentier*, esse *Wonderfull boy*, que ainda não tem 20 annos, despertou os mais entusiasticos *hurrahs* no meio desportivo inglês e é agora levado em triumpho por toda a França, como *campeão do box na Europa*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Monumentos de Portugal

O convento da Batalha

(Continuado do n.º 1253)

Claustro de D' João I

O claustro pertence ás obras emprehendidas por el-rei D. João I, do que dão testemunho não só o proprio testamento d'esse monarcha, pois que n'elle deixa recommendado ao seu successor o acabamento do mesmo claustro; mas tambem o seu escudo d'armas, que está esculpido no florão da abobada em um dos angulos do dito claustro.

Tambem é obra d'este ultimo soberano o brincado portal que fica na extremidade oriental do lanço do Norte d'este claustro, e dá accesso para o interior do convento.

A vista d'isto deve-se crer com justo fundamento que não obstante os 7 annos que viveu D. João I depois de fazer o seu testamento deixou o claustro por acabar, e que assim se conservava incompleto, isto é, na parte ornamental, quando el rei D. Manuel subiu ao throno; e nem este monarcha o concluiu, porque ficaram sem o costumado remate das pyramides os gigantes ou botareos, que fortalecem as paredes exteriores das arcadas, e sem a competente renda ou grade de pedra os terrados que cobrem as mesmas arcadas, as quaes rendas se fizeram e collocaram, modernamente no progresso da restauração do monumento. Nem era crível que em um edificio de tal magnificencia deixasse o architecto uma das suas partes principaes, como em todos os mosteiros são considerados os claustros, tão nu de ornamentos.

No angulo formado pelo lanço do Norte e pelo de Oeste resalta para fóra dos ditos lanços um pavilhão, que se eleva acima d'aquelles, e é aberto em toda a sua altura em arcos esbeltos e formosissimos, guarnecidos de graciosos recortes na parte superior, e cortados a meia altura por delicadissimas rendas, como grades de uma janella, appoiando-se no centro em uma columna mui delgada e elegante. Debaixo d'este pavilhão está uma esbelta fonte com duas taças toda lavrada em variados relevos. Junto d'ella abre-se a porta do refeitório.

O terreiro que fica no meio dos quatro lanços do claustro era outr'ora um bonito jardim, hoje desprezado, tem no centro um poço com bastante agua.

Viam-se antigamente no claustro algumas sepulturas com seus epitaphios, porém vindo a este convento el-rei D. Sebastião no anno de 1569, mandou picar e apagar todas as inscripções á excepção de uma só que está no pavimento do lanço de Este, pouco distante da casa do Capitulo. Diz assim a inscripção: *Aqui jaz dom Justo bispo que foi de Cepta.*

Era este D. Justo frade dominicano e natural de Italia, d'onde o mandou vir el-rei D. Afonso V para o encarregar de escrever as nossas chronicas em latim.

Sendo bispo de Ceuta morreu de peste em Almada sob o governo do rei intruso D. Filippe II de Hespanha.

(Continúa.)

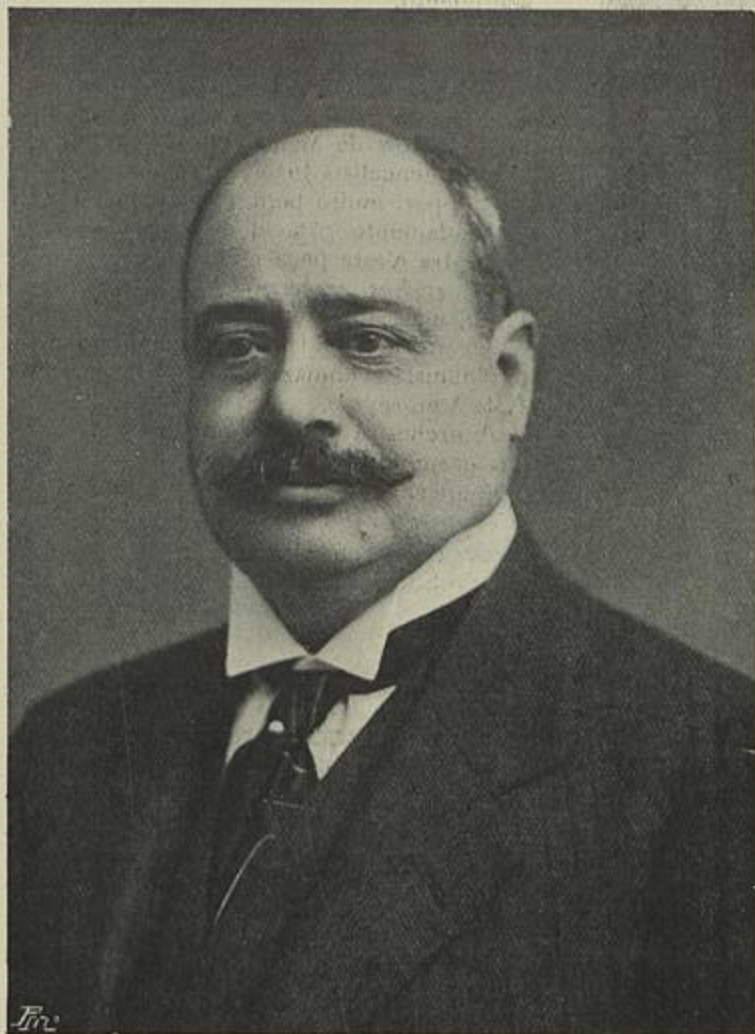
J. DE VILHENA BARBOSA.

Monumentos de Portugal



CONVENTO DA BATALHA — O CLAUSTRO DE D. JOÃO I, LANÇO DO NORTE
(Cliché de Manuel Joaquim da Silva)

Inauguração do Teatro Politeama



LUIZ ANTONIO PEREIRA
(Cliché da «Mala da Europa»)

Foi em 6 do corrente mez que Lisbôa assistiu á abertura desta novà e suntuosa casa de espectaculos cujo deslumbramento e conforto satisfazem ainda os mais exigentes.



VISTA EXTERIOR DO POLITEAMA

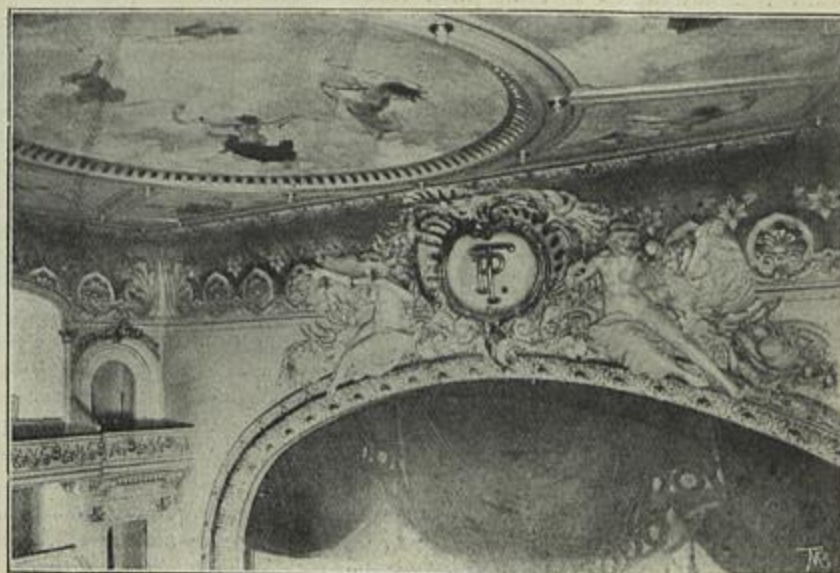
O entusiasmo com que o publico tem corrido a admirar os belos espectaculos, soberbamente organizados, não tem precedentes na historia de iniciação de similares casas de espectaculos.

O projeto deste suntuoso edificio é do arquiteto sr. Ventura Terra, que mais uma vez afirmou o seu alto valor de artista. Nas magnificas decorações devemos notar, no arco do proscenio, uma bela alegoria do novel artista sr. Maximiano Alves.

A iniciativa desta importante obra deve-se ao arrojado e inteligente empresario sr. Luis Antonio Pereira, que assim dotou



SALÃO DO TEATRO



ARCO DO PROSCENIO E TÊTO

(Clichés de A. Lima)



POLITEAMA — 2.º ACTO DA «VALSA DE AMOR» — CREMILDA, IKENE GOMES E ELSYN RUBINI

Lisboa com a maior e mais bela casa de espectáculos como as melhores do estrangeiro.

O *Politeama* honra a nossa terra e dá aos estrangeiros a nota da nossa civilização sempre progressiva e bem orientada.

A inauguração do *Politeama* assistiu S. Ex.^a o Presidente da Republica que, acompanhado pelo sr. Presidente do Ministerio, foi á sua entrada, na tribuna presidencial, saudado com uma entusiastica salva de palmas de toda a assistencia.

A peça escolhida, *A valsa de amor*, de Bodanski e Groumbaun, com musica de Zicker, de entrecho um tanto obscuro, talvez um pouco longa, é, em nosso entender, um motivo para ouvirmos musica deliciosa, o que a par do guarda-roupa e scenario riquissimos e ainda com a movimentação de bailados, torna a peça devéras interessante, e merecedora de ser vista vezes repetidas.

Na parte cantante distinguiram-se duas figuras de incontestavel talento, Cremilda d'Oliveira e Magda Arruda, a primeira já muito conhecida e apreciada por todos nós e a segunda que se estreou agora, mas de maneira que a sua reputação de grande artista se fixará em breves tempos. Ambas fôram festejadissimas e com justa razão porque o trabalho de qualquer das duas é primoroso.

Especialisaremos ainda Antonio Gomes, excelente comico e habilissimo ensaiador, cujos merecimentos são largos, Sofia Santos que continua a confirmar o que por vezes temos dito: é uma das nossas melhores características; Elsy Rubini, Irene Gomes, e Grijó que muito admiramos e que desejamos vêr em papeis de mais responsabilidade e destaque, pois que os seus recursos tudo vencem.

A orquestra sob a direcção optima do maestro Gomes contribue para a magnificencia dos espectáculos do *Politeama* a cujos proprietarios e empresa desejamos todas as prosperidades a que têm direito, pela valia incalculavel dos esforços que devem ter dispendido para conseguirem um teatro, companhia e espectáculos em tudo tão dignos de admiração.

Concertos d'orquestra

1.º concerto Blanch no *Republica* — 2.º concerto David de Sousa no *Polyteama*.

Depois de estarmos tantos annos sem concertos d'orquestra, temos agora concertos simultaneos aos domingos em dois theatros! Em pouco tempo nasceram os amadores de musica... como este facto dá origem a serios comentarios! Mas o espaço não é muito e melhor será emprega-lo a dizer brevemente as minhas impressões; os comentarios ficarão para mais tarde.

Como o critico musical, ainda não tem o poder de estar em toda a parte ao mesmo tempo, tenho que me referir aos concertos a que tenho assistido. Posto isto, falarei do 1.º concerto Blanch no theatro da Republica. A sala, com bonito aspecto, quasi cheia, caras conhecidas dos demais annos. O maestro Blanch, com uma orquestra bastante deficiente, executou obras de Weber, Saint-Saens, Ricardo Wagner, Mendelssohn e Grieg. Em execução, foi um concerto pouco feliz, apenas gostámos do *Ranet d'Omphale* de Saint-Saens, do *Scherzo* de Mendelssohn e da *chanson de Salveig* de Grieg. A musica de Wagner, muito mal tocada, pois a orquestra não tem, na generalidade, artistas que a possam executar. Então a symphonia do *Rienzi*... um desastre!

Passemos agora para o novo theatro Polyteama; assistimos ao 2.º concerto David de Sousa. Regular concorrência, mais que no 1.º concerto, segundo me disseram. Programma bem elaborado.

David de Sousa é um rapaz intelligente, bello director d'orquestra, elegante na forma de reger; vê-se que esteve vivendo em bons meios artisticos, ouviu *bôa* musica e *soube* avalia-la. Na musica classica, como Weber e Rameau, foi admiravel na comprehensão da phrase! No *Oberon* de Weber e no *rigodon* de *Dordanus* de Rameau a orquestra sob a sua regencia deu-

nos execuções admiraveis de delicadesa e sentimento.

Nas restantes obras devemos salientar a *Marcha hungara* de Berlioz, que levantou todo o auditorio em uma grande ovação, sendo bisada. Fez-nos recordar as bellas noites de Mancinelli, em S. Carlos.

O violencelista João Passos, no concerto de Popper, muito bem, principalmente no 2.º andamento; David de Sousa regeu a orquestra n'esta peça muito bem.

Os *esbôços orchestraes*, de Wenceslau Pinto, mais uma vez agradaram.

No *Largo*, de Haendel, salientaram-se o violinista Thomaz de Lima e a harpista Lóla Verduysse.

A orquestra está bastante fraca na corda, prejudicando por vezes as execuções d'algumas obras.

O presidente da Republica, que assistiu a este concerto, mandou chamar o sr. David de Sousa, fazendo-lhe grandes elogios.

A. P. S.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

VIII

UM DESERTOR DA GLORIA

— Então quer negar o amôr da patria...

— Nunca; reprovo a guerra...

— Tenho pelo meu lado toda a historia.

— A historia acusa o vosso Deus de iniquidade.

— Ha a justiça...

— Só a força ganha as batalhas...

A questão ia tomando grande calôr.

— Mais baixo, disse o general, não convem que nos ouçam; as nossas palavras pôdem ser mal interpretadas.

Pouco tempo depois confiava a Steinbaum as seguintes palavras:

— Noto em Serafina um grande desejo de viver.

— O amôr opéra tantos milagres como a fé.

— Os seus olhos animam-se, a esperanza que eu vejo n'ella fa-la mais córada.

— Fombreuse já tinha notado, disse o gravador.

Formaram circulo á roda do pianista Destalbert. O grande artista ordinariamente taciturno e triste estava n'essa noite bastante fallador.

Com uma familiaridade, a que dava direito a sua idade, pegou na mão de Anna que estava de pé junto da cadeira onde estava o pianista e olhou para ella risonho, como vendo n'ella uma grande artista que lhe causava respeito.

Anna estava com um olhar sereno, os seus cabellos pôstos á antiga davam-lhe um aspecto ainda mais artistico.

— Todos vão muito bem, dizia Destalbert.

— E' verdade, disse uma rapariga que cantava o papel de Eurydice; nos pri-

meiros ensaios tinha tanto medo! mas á força de olhar para a sr.^a Le Cozan enchi-me de coragem...

— E' uma bella qualidade, disse Anna com ardôr.

— A senhora foi admiravel; se fôr assim amanhã hade causar espanto a todo este publico.

— Estou segura do meu papel e da minha voz, e tambem da minha vontade.

— Da sua vontade? disse Destalbert.

— Sim; para ter poder sobre um publico é necessario possuir a força de o atrahir, chamar sobre elle a nossa propria vontade.

— Muito bem, muito bem, ainda a sr.^a Cozan está na idade de dizer na arte; *quem me amar, que me siga*. Mas chega um dia em que esta vontade não produz effeito senão sobre o auditorio indifferente. Então terá como eu vontade de fugir para a solidão e gozar apenas na musica dos grandes mestres esquecidos. Mas a vossa arte é mais para os grandes publicos que a minha. O canto necessita d'uma scena mais ampla que a intimidade de um quarto. Não se canta opera em um salão.

— Mas... sr. Destalbert, interrompeu Anna, não me destino ao theatro, agora é uma simples brincadeira de ferias.

— Brincadeira perigosa. Ah! O que vae fazer já dentro da sua alma tinha a semente a germinar. A minha idade dá direito a fallar-lhe assim. A senhora quer experimentar todos os amores, todos os odios, todos os terrores, todos os heroismos cantados, não é verdade?!

Fombreuse que ouvira palavras soltas foi-se aproximando do grupo, ficando junto de Serafina. Anna fixou o olhar sobre ambos, e pela sua mente passou ra-

pida uma ideia que ella tratou de desviar.

— Que enorme monumento o *Orfeo*! Que admiravel conhecimento do coração humano! Eis os exemplos que deveriam seguir os modernos. Nos classicos e em Gluck que é o nosso grande dramaturgo lyrico a palavra não perdia o seu effeito sobre a modelação. A palavra é eterna como a alma. Schumann foi o ultimo que a cantou.

— Fombreuse interrompeu:

— Mestre, que diria d'um artista que justamente conquistado pelas formulas simples de Lully e de Rameau não quizesse ouvir nada das outras obras?

— Tinha pena que elle não conhecesse Bach, Haendel, Mozart e Beethoven. Mas eu comprehendo o fim da sua pergunta, o sr. Fombreuse, deseja saber o que eu penso d'um homem que se recusa a admirar os vossos Berlioz, Gounod, Franck e Wagner. A resposta é simples: um homem que pensa assim é um *original*, um *casmurro*; mas agora pergunto eu: onde estão as obras modernas que se possam egualar ás grandes cantatas de Bach, ao *Messias* e outras oratorias de Haendel, ao *Alceste* de Gluck, ao seu *Orfeo*, ás *Bodas de Figaro*, ao *Dom João*, á *nona symphonia* dos ultimos *quartetos* e ás ultimas *sonatas* de Beethoven? Esses machinismos musicaes de Wagner que nos fazem mal aos nervos, não, isso não, a musica deverá ser sempre um balsamo de confôrto. Ainda não chegou o compositor que me possa reconciliar com a arte moderna. Se o sr. Fombreuse fôr esse tal compositor poderá estar certo que os meus cabellos brancos, a minha idade se inclinará respeitosa perante a vossa mocidade.

O compositor desejou replicar em fa-

vor dos novos compositores mas não quiz ser desagradavel a Destalbert e ficou silencioso.

Em outro grupo Lescourias estava rodeado de bonitas mulheres, d'essas que percorrem todas as praias e thermas de França dando tom pela sua elegancia. Criaturas que nunca sabemos que familia possuem, onde estão os maridos, irmãos ou amantes! Lescourias com a sua conversa ironica fazia rir a todos, esvoaçando os ditos picantes mas nunca perdendo a linha fina e elegante. Discutia-se afeições. A amizade será possivel entre homem e mulher? Porque não?! Dizia uma. Nunca! respondia outra. É a grave questão baseava-se n'este pensamento: «O coração é constante?»

— Ah! isso não! disse Lescourias.

— Julga pelo seu, disse com um tom vingativo a sr.^a Nervilly, uma elegante loura, cujo olhar parecia sempre divagar no sentimento.

— E refiro-me a todos os corações. A inconstancia é a regra geral. O coração, bem sei, pára aqui e alli mas é muito curioso, tem caprichos como o estomago que ás vezes acha prazer em comidas no restaurante, em vez de as saborear na sua casa!

— Mas isso é uma theoria abominavel! Disse a sr.^a Laurois, o mundo seria uma companhia de bandidos. Cada casa deveria ter: «Cuidado com os larapios dos corações.»

— Sem duvida, minha senhora, e ninguem poderá estar livre de perigo.

Foi um riso geral; Anna que ouvira de longe palavras confusas prestou attenção comprehendendo do que se tratava.

(Continúa.)

Homenagem a Ermete Zacconi



NO THEATRO DA REPUBLICA, FOI OFFERECIDO UM ALMOÇO A ZACCONI POR UM GRUPO DOS SEUS ADMIRADORES EM QUE TOMARAM PARTE OS SRS. PRESIDENTE DO MINISTERIO, MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, MINISTRO DA INSTRUÇÃO, ENCARREGADO DOS NEGOCIOS DE ITALIA, E EMPREZARIO DO THEATRO DA REPUBLICA, VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA, JULIO DANTAS, EDUARDO DE NORONHA, FRANÇA BORGES, LUIS CARDOSO, EDUARDO BRAZÃO, AUGUSTO ROSA, INACIO PEIXOTO, CHABY, LUIS DEROUET, MANUEL GUSTAVO, HENRIQUE ALVES, GREGORIO FERNANDES, LEAL DA CAMARA, EDUARDO SCHWALBACH, LAMBERTINI PINTO, FERREIRA DA SILVA, ERNESTO RODRIGUES, ACACIO DE PAIVA, URBANO RODRIGUES, ALFREDO SANTOS, AUGUSTO DE CASTRO, CELESTINO DA SILVA, SANTOS TAVARES, LINO FERREIRA, PINTO COSTA, CARLOS D'OLIVEIRA, ANDRÉ BRUN, ETC.

Nova Lyrica Popular

Pedro Vidoeira, o festejado autor das trovas populares que o celebre poeta João de Deus tanto louvou, apreciando as belezas da primeira parte, proporcionou-nos a mais grata das surpresas n'uma inesperada visita que nos fez, para ter a amabilidade de offerecer-nos o interessante livro da sua *Nova Lyrica Popular*.

Que deliciosissima impressão nos causou a avida leitura d'essas singelas, satiricas, mordentes e espirituosas estrophes, de um excellente companheiro das lides jornalisticas, d'um dos desaparecidos da turma illustre a que aludiu o sr. Julio Dantas no seu brilhante elogio de Bulhão Pato, na Academia das Sciencias, d'um velho amigo desde os saudosos tempos da mocidade, em que fustigavamos sem piedade no *Duende*, os ridiculos da segunda desena do meado do seculo que passou, em franca camaradagem com Eduardo Garrido, Eduardo Coelho, Eduardo Vidal e Antonio Batalha Reis.

E de tantos que se finaram, quão poucos restam desses tempos, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Fernandes Costa, Gomes Leal, Rodrigues da Costa, Magalhães Lima e Alberto Pimentel!

Motivo foi portanto, para nós, de emocionante satisfação, o aparecimento daquele observador sagaz, com a segunda parte da sua *Lyrica Popular*, fartamente recheada de versos de fulgurante satira, de boa critica, sempre cadenciosos e d'uma metrificacão irrepreensivel, primando tanto pelo chiste, como pela elevação dos conceitos.

Hão de ocupar de futuro logar distinto no já vastissimo cancionero portuguez.

Regosija-nos transcrever aqui, o que disse da obra a quem foi dedicada, o mavioso poeta Visconde de Monsaráz.

«A *Lyrica Popular* de Pedro Vidoeira é conhecida e amada em todo o paiz. Não ha guitarra vibrada por mãos de artistas, guitarra que se prese que não tenha acompanhado no choro soluçado dos fados nacionaes, as quadras sentidas, belas e perfeitas que Pedro Vidoeira tem sabido arrancar do fundo dorido e por vezes ironico, da nossa raça, com a pericia de um mergulhador emergindo das profundidades do Oceano com as mãos gotejantes de perolas.

As suas trovas, em minha opinião, são palavras da alma portugueza.»

Se a dedicatória sensibilizou o coração do insigne poeta cuja perda, ha pouco ainda, toda a imprensa lastimou, a gentileza da offerta do livro com que pessoalmente o nosso velho e estimavel amigo nos quiz mimosear, só igualmente sensibilizado, por saudosas recordações, lhe podemos agradecer n'uma expansão de louvores e n'um afetuoso abraço.

A imprensa da capital e das provincias, começou já a manifestar o mais lisonjeiro acolhimento ao livro. O *Primeiro de Janeiro*, a folha mais popular do norte, pondera que o nome de Pedro Vidoeira é com efeito o de um lirico muito delicado que por bem comprehender a alma do povo, procura interpretar a sua linguagem poetica e imaginosa em quadrinhas simples, duma singeleza tocante de emocionada ternura, onde por vezes se sente o reflexo de uma ironia muito tenue e muito subtil. E' um livro encantador de espontaneidade nos seus conceitos alternadamente ingenuos e profundos e na sua graça desartificiosa e rigorosamente de sabôr popular.»

Eis por que, em todas as terras em que se efetuam romarias, desfolhadas ao luar, se dança e canta ao desafio, a imprensa recebe com merecido encomio a *Nova Lyrica Popular*, recomendando ao povo a sua interessante leitura.

Houve na Hespanha um poeta cuja recente perda todo o seu paiz deplorou, trovador incomparavel de extraordinarias faculdades, Campoamor, que Pedro Vidoeira frequentemente iguala na pujança do talento.

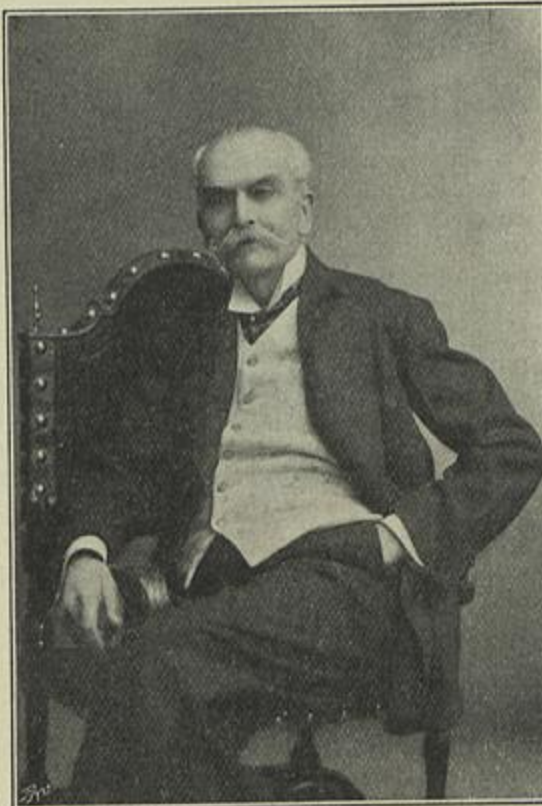
Para o demonstrar cabalmente, vamos traduzir do castelhano uma das belas estrophes do laureado poeta, que pôde comparar-se a muitos do trovador portuguez.

No cristal d'um belo espelho
Aos cincoenta anos me vi;
Ao achar-me feio e velho
Raivoso o espelho parti.

E o leitor que a confronte com as que adiante transcrevemos da *Lyrica Popular* e encontrará a razão do justissimo apreço com que encarece-

mos o elevado quilate dessa preciosa coleção de trovas, de fina observação, critica suave, beliscando sem ferir, subtilmente maliciosa que o povo aprenderá espontaneamente e com facilidade reterá na memoria.

Do incontestavel merito do poeta, deu publico testemunho o jury do concurso aberto em 1908 pelo Instituto de Lisboa, que lhe concedeu a medalha de ouro por muitas das quadras que fazem parte da *Lyrica Popular*. E esse jury era composto dos mais conceituados escritores.



PEDRO VIDOEIRA

Não é pois o sentimento de velha amizade que nos move no singelo e breve encarecimento do real valor que encerra o novo livro de Pedro Vidoeira, mas uma justa homenagem de felicitação ao poeta, pelo brilhantismo com que soube dar vida e relevo ás magnificas inspirações da sua prodigiosa e privilegiada fantasia.

FRANCISCO SERRA.

Ha no mundo mães tão vis
Que á margem os filhos deitam,
Quando as feras nos covis
Nunca os seus filhos engeitam.

A mulher que injurias solta
Contra o homem que a deixou,
A dizer bem dele volta,
Se ele aos seus braços voltou.

Uma cruz trazes ao peito
De um metal que muito luz,
Eu morrêra satisfeito,
Pregadinho nessa cruz.

Quando encostas á janéla
Teu corpinho tão bem feito,
Quem déra que eu fôsse dela
Nesse instante o parafeito.

Quando vens de te banhar,
Ha nas ondas grande abalo;
São os ais que solta o mar
Por sentir que vaes deixal-o.

Não te rias das desgraças
Que por teus visinhos passam,
Nem aos outros nunca faças
O que não queres que te façam.

Para estar com segurança,
Sem ser visto, a sós contigo,
Solta-me essa linda trança,
Dá-me nela um doce abrigo.

Se de mim tu longe estás
E a gemer eu sinto o vento,
Cuido que o vento me traz
Da tua voz um lamento.

Quando á janéla, morena,
Mostras a linda figura,
Acho a janéla pequena
P'ra te servir de moldura.

Dizes que muito me queres,
E ris-te, quando m'o dizes;
E' sempre a rir que as mulheres
Fazem milhões de infelizes!

(*Nova Lyrica Popular*).

Miniaturas

«Spleen»

E' alta noite. Com a face rente da chaminé do meu pobresinho candieiro de petróleo, acabo de fugida, tórvo de somno, umas páginas da minha escripta nocturna.

Dum ceu lúgubre e pesado caem vagarosamente as primeiras góttas duma chuva miúdinha, pulverizada. A luz baça do acetylene, cheia de névoa, derrama-se pelas calçadas e pelas ruas em claridades luarentas, em esbatidos anémicos.

Deu a meia noite. Lá em baixo, no montão das casas bafientas, martelam ao piano, desoladôramente, sem alma e sem compasso, uma symphonia de Beethoven. Reconheço-a. Já mãos unguidas e alçadas a «resaram» para mim, em extasi, no téclado harmonioso dum Erard. Ai! a suave, dôce recordação desse tempo longinquo!...

Mas estas notas desequilibradas, que ora me chegam ao ouvido, produzem-me a impressão dum sacrilegio esmagadôr.

Estou fóra de mim, indignado e conculso.

Sinto mêmso o desejo — um desejo infernal! — de gritar a essa mulher profanadora da Arte: «Beethoven foi um desgraçado; tève a agonia mais dilacerante e mais apunhaladora, que pôde tær um coração humano. Cale-se ao menos em nome dessa infelicidade sem pár...»

...Lá fóra, na pedra tósca da varanda, bate a chuva mais forte e repetida. Um frio algente, penetrante, congéla-me na minha immobildade, sentado ha tantas horas em frente á mæsa de estudo.

E lá em baixo, no montão das casas bafientas, uma mulher sem vergonha, pinalgada de arrôz e de alvaiáde, «caricatúra» ao piano o meu divino Beethoven...

MANUEL DA GRANJA.

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro, 1913

Barometro — Max. 775^{mm}.5 em 26.

» Min. 54^{mm}.3 em 10.

Termometro — Max. 19^o.8 em 2.

» Min. 7^o.6 em 26.

A temperatura conservou-se, suave todo o mez com poucas maximas inferiores a 15.

Chuva — 53^{mm}.0 divididos por 7 dias.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 11 dias.

» Ceu nublado 16 dias.

» Ceu encoberto 3 dias.

Horas de sol — 149^h e 17^h.

Nevoeiro — Em 3, 4, 22 e 23.

O canto coral nas escolas

Tomás Borba e os seus livros

Tomás Borba, o ilustre professor do Conservatório, Academia de Musica e Liceu Maria Pia, acaba de enriquecer a bibliotéca nacional das nossas escolas, com um volume de canções belamente inspiradas nas melhores poesias dos poetas classicos, modernos e contemporaneos. Podêmos afirmar, que antes das *Toadas da nossa terra*, aparecidas em 1908, coleção de trovas portuguezas ao gosto popular, versos de Adolfo Portela e musica de Tomás Borba, não havia entre nós um unico livro de *canto coral* para as escolas primarias. Graças a esses dois grandes artistas portuguezes, appareceu este livro que depressa foi espalhado pelos diversos nucleos de instrução do paiz, onde muito contribuiu para a educação das pequeninas almas por abrir, por sêr fundamentalmente patriótica e honesta a sua intenção: palavras e musica tudo foi trabalhado e cuidado no proposito de dizêr em portuguez ás crianças portuguezas o que era Portugal, não havendo n'ele palavra ou nota de musica a que faltasse o ar regional da nossa terra nas suas canções do berço, do lar, da escola, da terra portugueza, colhendo do chão as palavras caídas dos seus romances populares, das suas modas regionaes, chácaras e trovas de geito bucólico, e trazendo assim as almas simples dos pequeninos portuguezes ao amôr das coisa da sua terra. De então para cá pequenos orfeões se organisaram em grande numero de escolas de ignoradas aldeias, que têm mantido em todas elas o melhor motivo de contentamento e atração por parte de quantos as frequentam.

Na primavera de 1912 um novo e belo livro de arte para creanças nos appareceu, com versos do poeta Afonso Lopes Vieira, illustrado por outro grande artista, Raul Lino, sendo a musica do profesor Tomás Borba.

A impressão despertada pelo seu apparecimento foi extraordinaria: a sua difusão por todo o nosso Portugal foi de uma largueza incalculavel, não havendo aldeia, a mais remota, onde deixassem de chegar as notas suavissimas das imorredoiras canções: *Os morangos*, *A rôla*, *A oliveira*, *Portugal é lindo*, *A lareira* e tantas outras.

Pessôas que em digressão pelas provincias e em lugares afastados e opostos, cantaram algumas destas canções ou viram-as depois repetidas, com todas as suas melhores notas inflexivas pelas bôças das rusticas aldeãs desses pequenos burgos ignorados, que lôgo adivinharam a espontanea nota popular de todas elas, o ritmo regional, a intenção constante do amôr da patria tão bêlamente glorificado em todo o livro duma feição construtiva admiravel.

Graças a Afonso Lopes Vieira, Tomás Borba e Raul Lino, a nossa literatura infantil, começou a enriquecer-se, com o apparecimento d'estas *Canções* que hão de sêr eternamente ao lado dos *Animaes nossos Amigos* o mais querido presente para crianças, preparando-as para mais tarde serem *sensíveis*, sabendo admirar e consequentemente amar.

Muitas destas *Canções* foram cantadas pelo Orfeón do Liceu Maria Pia, composto de 600 alunas, na presença de S. Ex.^a o Presidente da Republica, na sua visita official ao Liceu em 1911, que nós vimos profundamente comovido ao escutar o *Hino Nacional* cantado a tres vózes pelo Orfeón, sob a direção da ilustre professora D. Alice Petipierre Salazar d'Eça e de Tomás Borba, que o haviam cuidadosamente ensaiado, e essa mesma comoção dominou o venerando Chefe do Estado durante a audição de algumas das referidas e soberbas canções, que encantaram a sua alma delicadissima de Poeta.

Na memoravel festa escolar do mesmo Liceu, em 2 de Junho de 1911, que outra mais bela não sei que se realisasse em escola portugueza, de novo as canções do *Canto Infantil*, constituiram grande parte do programa lindamente organiado, e na presença das autoridades superiores de Instrução Publica, os seus autores foram por toda a numerosa assistencia de professores, artistas e homens de letras, glorificados como benemeritos da educação estética das crianças portuguezas.

A Tomás Borba se deve principalmente o inicio da interessante campanha a favôr da *Canção portugueza* e foi ele um dos autores mais celebrados por todo o publico artista da nossa terra, na noite de *Festa da Canção*, no teatro Nacional, com a assistencia de S. Ex.^a o Presidente da Republica, Governo e todas as pessoas de repre-

sentação no nosso meio social, onde foram por vezes cantadas as lindas canções *Sortida noturna* e *O que te devo* do Ilustre Chefe do Estado, para que Tomás Borba escreveu musica deliciosa, como deliciosa foi a por ele composta para a *Moleirinha* de Guerra Junqueiro, musica esta, a par dos versos, tão popular e tão leve, que depressa ficou e para sempre nos ouvidos de quantos a escutaram; e não esqueceremos a sua original canção *O Burro*, versos de Afonso Lopes Vieira, cujo ritmo musical difficilimo se adapta *naturalmente* aos versos e estes ao ritmo desses humildes caminhantes de *mais tino que o cavallo*.

Foi por tal fórma gloriosa para Tomás Borba esta inesquecida noite de *Festa da Canção* que o Ilustre Presidente da Republica se apressou a diretamente lhe enviar as suas felicitações e agradecimentos, o que duplamente deve ter orgulhado



TOMÁS BORBA

Tomás Borba, porque se ajunta á honrosa distincção de S. Ex.^a o Presidente da Republica, o juizo critico do grande Poeta.

Com o livro agora apparecido, *O Canto Coral nas Escolas* (canções a uma voz), a feição educadora de Tomás Borba, acentua-se de maneira a termos de o julgar um verdadeiro e benemerito apostolo da instrução das nossas crianças, cuja bibliotéca de pobre que era, ainda ha poucos anos, passou a ser duma riqueza cuja florescencia promete continuar.

Só um espirito da cultura e illustração de Tomás Borba, poderia conseguir um livro deste timbre, onde se não revelá apenas um grande talento musical, mas ainda um conhecedor profundo de tudo que ha de mais belo na nossa literatura de todas as épocas, cujas paginas soube percorrer e das quaes escolheu as que melhor difinem a idade literaria em que foram escritas. Tomás Borba, com o poder do seu genio, criou musica para as mais lindas cantigas de Camões, Sá de Miranda, Andrade Caminha, Bocage, Curvo Semêdo, João de Deus, Antero, Tomás Ribeiro e tantos outros classicos e contemporaneos, e o seu grande merecimento está em que a musica de todas essas canções de épocas afastadissimas, embora apartada dos respetivos versos, tem e mantem o verdadeiro sabôr das composições que a inspiraram.

Consola-nos vêr que o nosso musico de genio, capaz de colher a *musica nacional* por agora espalhada, confundida e hesitante, existe em Tomás Borba, que com o presente livro ainda nos revêla o conhecimento critico de tudo o que ha de grandioso e belo na nossa tradição, que ele se encarrega de enobrecer pela arte da sua musica para sempre celebrada.

O Canto coral nas escolas, merece existir nas bibliotécas de todas as escolas do paiz, sem excepção, e nas ricas ou modestas bibliotécas de quantos desejem que os seus filhos sejam, desde crianças, sensíveis ao amôr da Patria, sentimento

que resalta brilhantemente de toda a obra de Tomás Borba, a quem apresentamos os nossos melhores cumprimentos pelos relevantes serviços que acaba de prestar aos educadores modernos da nossa querida Terra. Com prazer esperamos as suas canções a duas, tres e quatro vózes, que constituirão successivos triunfos para o Mestre e para os poetas cujos versos despertem a ardencia e a calentura da sua enternecida musica, e com cujo apparecimento a sociedade futura muito tem a alcançar, graças á educação admiravel que estes livros desenvolvem nos cerebros e corações infantis de hoje, que a Tomás Borba ficarão, talvez, devendo em grande parte o afinamento das suas faculdades admirativas, dispendendo os para seu bem da famosa lição que dá, o belo proverbio em verso, de Afonso Lopes Vieira:

«D'aquelle que não admira,
Já nada de bom se tira;

Pois quem não sabe admirar,
Não sabe amar!»

LOBO DE CAMPOS.



Phenicia e Iberia

(Continuado do n.º 1257)

E' interessante e muito curiosa, esta nota, que acompanha o texto da 2.^a pagina da *Historia de Portugal* por Francisco Duarte Almeida e Araujo:

«Tem sido muito diversas as conjecturas sobre a origem do nome *Spania*. A mais provavel destas conjecturas, a que tem sido adoptada pelos homens mais instruidos, é que este nome vem do Phenicio *span*, que significa esconderijo: porque este paiz era para os Phenicios uma região afastada, e como escondida nos confins da terra. Preciza-se explorar estes tempos, em que a navegação estava ainda no seu começo, em que as distancias, e os longes se mediam pelas difficuldades dos meios de transportação, e em que, finalmente, se faziam na Europa as descobertas dos primeiros navegantes asiaticos, sobre o mesmo theatro onde hoje operam as nações modernas... Esta etymologia da palavra Hespanha, derivada da palavra phenicia *span*, parece portanto legitima. Diz-se tambem que lhe chamaram *Spania*, por causa da grande quantidade de coelhos, que alli encontraram. (Mr. Romey).»

Por ter estreita afinidade com o texto da nota precedente, julgo de molde a inserção, n'esta altura, dos seguintes periodos, que são transcritos do volume *Phenicios e Carthaginezes* por J. M. Pereira de Lima:

«Numerosos vocabulos legaram os phenicios aos dialectos da Hespanha. Sem fallarmos aqui na sua influencia directa sobre o extinto dialecto bastulo, na região meridional da peninsula, podemos afoitamente dizer, que muitas palavras appellativas de especiarias levantinas, perfumes, metaes, medidas e pesos, etc., que se attribuiam a origem latina, e d'esta se ascendiam ao grego, fôram introduzidas, pelos phenicios, na lingua da Grecia, como já demonstrámos, e outrosim nas linguas dos povos italicos e ibericos, com os quaes nutriam continuadas relações de commercio.

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Cardeal Oreglia de Santo Stephano

O cardeal Oreglia, camerlengo, decano e unico que existia, de nomeação de Pio IX, falleceu em Roma no dia 6 do corrente.

Foi por muitos annos uma figura de destaque, no Sacro Colegio. Tendo conservado, até ha pouco, uma rara energia e lucidez, pois a morte só o attingiu com perto de 85 annos, impunha-se sempre pelo seu auctorizado conselho em todos os negocios da Santa Sé, que reclamavam a sua intervenção e, quanto a sua opinião pesou, pôde calcular-se recordando que Pio IX lhe concedeu o barrete cardinalicio em 1873: fez portanto parte do Sacro Colegio durante 40 annos, entrando nos dois conclaves de 1878 e 1903 que elegeram Papa os cardeaes Joachim Pecci e José Sarto.

A sua ultima commissão, fóra de Roma, foi a de Nuncio apostolico em Lisboa; aqui se encontrava em 19 de maio de 1870, dia em que o marechal Saldanha, á frente d'alguns corpos da guarnição de Lisboa e de diversos officiaes, impoz a el-rei D. Luiz a demissão do ministerio Loulé.

Sabe-se que este audacioso golpe do duque de Saldanha não mereceu da rainha D. Maria Pia a mesma benevolencia que a seu real esposo approveu dispensar-lhe. D. Luiz, cedendo á imposição do prestigioso marechal, demittiu o ministerio e Saldanha assumiu o poder, sendo nomeado, por decretos de 19 de maio, que elle proprio referendou (!), presidente do conselho, e ministro da guerra e do reino — e por decreto de 20, encarregado interinamente das pastas da justiça, fazenda, marinha, estrangeiros e obras publicas.

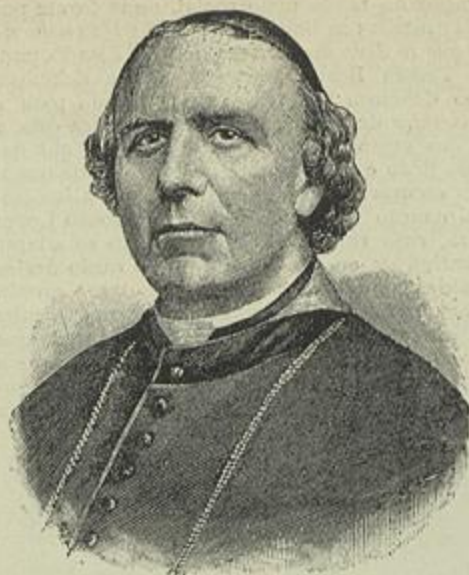
Ao nuncio Oreglia não agradára tambem o movimento politico; e porque a rainha se mostrava sempre ao novo presidente do conselho de ministros fria e reservada, o duque de Saldanha attribuiu essa attitude á influencia do nuncio, cujas visitas ao paço passaram a ser frequentes.

Pio IX conservava por Saldanha particular estima; conhecera-o como embaixador de Portugal em Roma. O duque, aproveitando-se d'essa circumstancia, preveniu Sua Santidade do que se passava, a qual não hesitou um momento enviando a monsenhor Oreglia os seus passaportes, como convite a abandonar, desde logo, o seu elevado posto diplomatico.

Surprehendido, contava o nuncio que a Pio IX não agradaria a enérgica resolução de Saldanha, mas desenganado em breve, teve de obedecer, e deixou Lisboa, em caminho de Roma, onde teve um acolhimento pouco benevolo.

O certo é que, retirado á sua vida particular, só em 1873, isto é, com uma penitencia de tres annos d'espera, recebeu o apetecido barrete cardinalicio.

Essa situação irritou-o naturalmente, e sendo,



CARDEAL OREGLIA

como realmente era, homem de valor intellectual, de aristocratica ascendencia (pois por sua mãe representava a familia que deu á Santa Sé o Papa Clemente V, destruidor dos Templarios), e de fortuna, tendo completado em 1878, á morte de Pio IX, 50 annos, idade legal, para d'elle poder ser o successor, apresentou a sua candidatura, que aliás foi fracamente apoiada no conclave.

Mas, inesperada contrariedade lhe surgiu: Portugal tinha a representação n'esse conclave no velho patriarcha de Lisboa, cardeal D. Ignacio. Fez este saber ao governo que o seu estado de saude não lhe permitia fazer a viagem a Roma, para exercer ali tão melindroso mandato. Mas o grande estadista Fontes Pereira de Mello, então presidente do conselho, foi pessoalmente ao paço de S. Vicente, e não só convenceu sua eminencia, de que teria de partir n'essa noite para Roma, custasse o que custasse, como o fez portador das sufficientes credenciaes, para oppôr veto de Portugal, á possível, ainda que problematica, eleição do cardeal Oreglia, para succeder na Cadeira de S. Pedro.

E o certo é que D. Ignacio fez as malas, chegando a Roma a tempo de entrar no conclave, onde não teve que usar dos direitos de Portugal — porque o eleito foi o cardeal Pecci, então camerlengo, que tomou, como é sabido, o titulo de Leão XIII.

O Cardeal Oreglia, mais uma recordação desagradavel teve de guardar do nosso paiz, mas só de si proprio teria de queixar-se. Ninguém o incitára a ingerir-se na nossa politica interna, e

fazendo-o, duas vezes se poz em chéque, perdendo a Nunciatura de Lisboa e a possibilidade de ser em 1878 eleito Papa.

No cargo de amerlengo, que é o cardeal encarregado da administração temporal de tudo que respeita aos bens da Igreja, durante o tempo da séde vacante, costuma ser investido o decano, que é hoje o sr. cardeal D. José Neto, patriarcha resignatario de Lisboa.

Ao camerlengo compete tambem a verificação pessoal da morte do Papa, para o que é depositario de um pequeno martelo de prata, com o qual bate tres vezes na frente do Pontifice, logo que este expira. A cada pancada tem de seguir-se o nome do fallecido. Pela falta de resposta, á terceira enunciação, o camerlengo declara officialmente que o Papa morreu.

Conta-se que Leão XIII, tendo tido mezes antes de fallecer uma prolongada syncope, pelo estado de fraqueza a que o levára a sua avançada idade de quasi 93 annos, parecêra aos assistentes não offerecer já resistencia, o que alarmou o pessoal do Vaticano. Chamado o cardéal Oreglia, apressou-se a comparecer junto do leito onde Leão XIII apparentava não pertencer já ao numero dos vivos. Comtudo, reanimando-se e olhando em redor de si, reconheceu entre os presentes o camerlengo, com quem se achava quasi sempre em contradicção. Fitando-o, e com o seu habitual sorriso, disse-lhe severamente: — «Vossa eminencia trouxe o martello?»

A pergunta, caracterizando bem o vigoroso espirito de Leão XIII, que pôde bem dizer-se, sobreviveu alguns annos ao seu debil organismo, não teve outra resposta, senão a da manifestação de alegria entre os que a ouviram e assistiam a uma verdadeira resurreição; só o cardeal Oreglia não alterou a sua severa physionomia... talvez porque tivesse tido o cuidado de levar comsigo o martello.

Mas um dia veio, em que o martello teve que servir.

O cardeal Oreglia, tendo, em 1903, 74 annos, tomou, com pasmosa energia, no exercicio da sua elevada cathogoria, todas as providencias para se reunir o conclave, que deu ao seu colega, patriarcha de Veneza, a suprema eleição para o espinhoso cargo de chefe supremo da Igreja Catholica, Vigario de Christo, na Terra, em que se conserva ha 10 annos, durante os quaes o cardeal Oreglia, talvez por mais de uma vez, pensou em que teria de usar do martello. Mas tal não succedeu; felizmente.

Oreglia, que foi 40 annos cardeal, só nos ultimos mezes se deixou vencer pela doença; largo tempo teve, para dar provas brilhantes do seu grande valor pessoal e de uma força de vontade, intransigente, que lhe valeu muitas contrariedades durante o pontificado de Leão XIII.

E d'ahi, quem sabe se o conclave de 1878 o elegesse Papa, o que tiria sido esse sonhado pontificado, que contaria hoje 35 annos?

A.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CONTRA
A TOSSEMARCA PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medilhas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.ª, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effcaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 140 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914—PREÇO 100 RÉIS—Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos srs. agentes

Empreza do Occidente — POÇO NOVO — LISBOA